

Linha atual é resultante de duas vertentes

Ulysses Guimarães e Franco Montoro — estas são as duas vertentes que desembocaram na chamada linha econômica do PMDB. A primeira surge em meados dos anos 70, com a elaboração do programa "Esperança e Mudança", pelo "trio de ferro" Luciano Coutinho, Luiz Gonzaga Belluzzo e João Manuel Cardoso de Mello. A esse programa é atribuída boa parte do sucesso eleitoral do partido em 1978. Mas, além disso, ele também consolida para um público externo as teses estruturalistas desenvolvidas em Princesa d'Oeste.

A segunda vertente surge no início da década de 80, com a elaboração da Proposta Montoro, um programa econômico de governo para o atual governador paulista, coordenado por José Serra, também da Unicamp. Paralelamente, André Franco Montoro Filho articulava a ascensão de alguns de seus colegas — monetaristas mais heterodoxos — da Fipe para postos-chave nas administrações estadual e municipal. Vêm daí as nomeações João Sayad para a Secretaria da Fazenda do Estado (e mesmo sua posterior substituição por Marcos Giannetti da Fonseca) e de Denisard Alves para a de Finanças do município.

Mas, até então, ainda não se pode dizer que as duas correntes convergissem para um grupo formalmente homogêneo, observa Frederico Mazuquelli, da Unicamp. Havia, isso sim, um paralelismo de idéias e muitos contatos informais. Tanto que a nomeação de Sayad obteve o apoio unânime dos economistas da Unicamp.

O elemento agregador fundamental surgiu depois, em 1984, com a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República e a Copag, que funcionou como uma arregimentação de forças acadêmicas de oposição para dar forma a um plano alternativo de governo. José Serra era o coordenador e, entre os participantes, contava-se desde o "enfant terrible" da Unicamp, Luciano Coutinho, a professores menos conservadores da Fipe, como Luiz Carlos Mendonça de Barros.

Segundo se conta nos meios acadêmicos, Serra era o preferido de Tancredo para o Ministério do Planejamento, mas acabou declinando do convite por saber que, apesar da Copag, o destino do futuro gabinete econômico já estava traçado; Tancredo queria Francisco Dornelles como seu homem forte.

Após a queda de Dornelles, a ascensão do empresário Dílson Funaro ao Ministério da Fazenda serviu como novo elo de união entre os dois grupos que formam a linha de frente do PMDB na economia. Belluzzo e João Manuel já haviam trabalhado com Funaro, na Secretaria da Fazenda de São Paulo, no governo Abreu Sodré, e foram novamente convidados para fazer parte de sua equipe. Coutinho, também convidado, ainda parece hesitar entre a secretaria-geral do Ministério de Ciência e Tecnologia, que ocupa, e uma nova diretoria a ser eventualmente criada para ele no Banco Central.

Mas a Fipe não perdeu espaço. Ao contrário, galgou posições, com Luiz Carlos Mendonça de Barros em uma diretoria do BC. Sem contar o aumento da influência do assessor econômico da Presidência da República, Luiz Paulo Rosenberg. Na CVM, continua Adroaldo Moura da Silva. E, na Seplan de João Sayad, os postos-chave são mantidos por homens da Universidade de São Paulo, como Henri-Philippe Reichstul e Andrea Calabrio. Como coadjuvante, a PUC/RJ, com figuras como Edmar Bacha, Pérsio Arida e Paulo Nogueira Baptista Jr.

Economistas do próprio grupo reconhecem que, assim como na política, a economia do PMDB é um "saco de gatos". Fora do grupo, há quem diga que não será de se estranhar se surgirem divergências, dentro do governo, entre os estruturalistas de Funaro e os monetaristas heterodoxos de Sayad. Exemplo disso seria a tese da necessidade de novos cortes no setor público, paradoxalmente defendida há poucos dias por Funaro e Belluzzo e cuja viabilidade prática foi contestada por Reichstul.

Para um economista da Unicamp, uma coisa é certa: "Nós não faremos a recessão; nem nós, nem Sarney", afirma, explicando que isso é até uma questão de princípios morais. Para um monetarista, já se notam diferenças internas, dentro da própria Seplan.